

Apresentação do Dossiê

Eliane Moura da Silva

Professora do Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas. Atualmente é Livre Docente MS-5 e coordenadora do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Campinas.

Sergio Willian de Castro Oliveira Filho

Doutorando em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas. Mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará. Pesquisador da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha.

Passepartout, acordado, contemplava, e não podia acreditar que atravessava o país dos hindus num trem do "Great peninsular railway". Parecia-lhe inverossímil. E contudo nada mais real. A locomotiva, dirigida pelo braço de um maquinista inglês e aquecida com carvão inglês, lançava sua fumaça sobre as plantações de algodão, de café, de noz moscada, de cravo e de pimenta.¹

Com estas palavras Julio Verne expressaria, em 1874, a surpresa do criado francês de Phileas Fogg ao se ver atravessando a Índia em uma máquina que simbolizava, ao mesmo tempo, os avanços tecnológicos advindos da Revolução Industrial e a expansão imperialista das potências europeias em diversos recantos do mundo.

Na abrupta, porém confiante, corrida contra o tempo de Fogg - que deveria retornar à Inglaterra a tempo de vencer a aposta lançada no *Reform Club* de fazer um *tour* ao redor do mundo em 80 dias - Jean Passepartout conseguiu, por alguns momentos, refletir com incredulidade sobre como a mão e a máquina inglesa se esparramavam pelo mundo passando a fazer parte do cenário colonial e exótico das matérias-primas.

De certa maneira, a admiração de Passepartout e a convicção de Fogg na vitória da aposta (embasada na confiança do poder da locomotiva e dos navios a vapor), faziam parte de sentimentos também compartilhados por Verne a respeito dos avanços tecnológicos que sucediam-se em uma velocidade absurdamente nova à humanidade.

A esse respeito Jürgen Habermas escreveria quase 100 anos depois – em 1968 - ao apontar que o aceleração da introdução de novas técnicas desde o fim do século XIX esteve

inserida em uma tendência do capitalismo tardio que foi “a cientificação da técnica” a qual coadunou-se à “investigação nascida dos encargos do Estado, que fomenta em primeiro lugar o processo científico e técnico no campo militar”².

Ante tais constatações de Habermas, provenientes de um debate com os escritos de Herbert Marcuse e Max Weber, lançamos aos leitores da “Revista Navigator: Subsídios para a História Marítima do Brasil” o presente dossiê, cujo tema é fonte de um debate inesgotável e sempre atual.

O ano de 2014 foi repleto de lançamento de publicações, produções de documentários e reportagens, realizações de congressos e eventos, dos quais buscou-se apresentar e discutir o centenário do início da Grande Guerra (1914-1918). Tal conflito representou o ápice dos anseios de Verne à modernização técnica iniciada no século anterior, assim como foi por ele que os Estados investiram, como nunca antes, em ciência e tecnologia voltada ao belicismo, conforme apontou Habermas. Porém, muito mais que isso, tal guerra apresentou-se ao mundo como símbolo de mudança paradigmática a respeito de termos tais como: desenvolvimento tecnológico e progresso, onde o otimismo exacerbado dos vários *Julios Vernes*, deram espaço ao olhar crítico de tantos outros estudiosos.

É com tal perspectiva crítica acerca da “Tecnologia Naval e História: ciência, técnica e sujeitos” que esperamos que tal dossiê possa contribuir e, para tal, o presente número da Revista Navigator contou com a contribuição de especialistas com formações diversas e de diferentes locais do Brasil.

O debate se inicia com o ensaio do Vice-Almirante Engenheiro Naval Élcio de Sá Freitas, que desenvolveu uma interpretação de alguns termos que tornaram-se bastante usuais no século XX e que precisam ser historicizados, tais como, “tecnologia”, “transferência de tecnologia” e “absorção de tecnologia”. Partindo da lavra de uma mão especializada na área de tecnologia naval, tal trabalho traz ao leitor um olhar apurado no que tange às atuais discussões de modernização técnica no meio militar.

Em seguida, temos o artigo do pesquisador Carlos Francisco Moura, que se debruçou sobre o projeto de envio de carpinteiros navais chineses ao Brasil Joanino e que foi colocado em prática por Miguel de Arriaga Brum da Silveira, Ouvidor Geral de Macau à época. Muitos desses trabalhadores especializados foram direcionados ao Arsenal Real do Rio de Janeiro e ao da Bahia. Desta maneira, tal artigo busca mapear todo o processo administrativo, repleto de negociações, que resultou nessa imigração no princípio do século XIX.

O historiador José Rogério Beier, aborda, a partir da trajetória biográfica do engenheiro militar português Daniel Pedro Müller, de que maneira se deu a transição da engenharia militar para a engenharia civil na Província de São Paulo durante primeira metade dos oitocentos. Beier discute como Daniel Müller contribuiu para a organização de uma escola destinada a engenheiros construtores de estradas na referida Província.

Adentrando em um outro campo de análise, o terceiro artigo do Dossiê, escrito pelo Prof. Dr. William Gaia Farias tendo como coautor o historiador Pablo Nunes Pereira, traz ao leitor as questões concernentes à modernização técnica da Marinha do Brasil na região amazônica ao final do século XIX e início do século XX. Em um contexto internacional de “corrida armamentista” que precedeu a Primeira Guerra Mundial, no Brasil desenvolveram-se debates sobre a necessidade de reformulações do Poder Naval brasileiro. Entretanto, desviando-se da discussão que enfatiza os projetos de aquisição dos poderosos *Dreadnoughts*, William Farias e Pablo Pereira enfatizam as discussões concernentes à Flotilha do Amazonas que necessitava de embarcações diferenciadas ante as condições geográficas da região e das finanças do país.

Coadunada a esta análise está o trabalho da Prof^a. Dra. Gabriela Carames Beskow, que analisa os discursos antagônicos e/ou concordantes presentes em dois dos principais periódicos do Rio de Janeiro do princípio do século XX, o ‘Correio da Manhã’ e ‘O Paiz’, acerca do processo de modernização da Marinha brasileira lançado em 1904, reformulado em 1906 e efetivado com a aquisição da Esquadra de 1910.

Por fim, a 'Navigator' apresenta ao leitor o artigo do historiador Ludolf Waldmann Júnior, que discute em seu texto de que maneira se deu o processo de desenvolvimento da construção naval no Brasil na década de 1930 e durante a Segunda Guerra Mundial, tendo no centro de sua análise as conjunturas políticas nacionais e internacionais.

Ante a inexorabilidade das transformações que envolvem as ciências e as tecnologias, esperamos que as discussões lançadas pelo presente número da Revista Navigator possam constituir-se como mote a um debate crítico e constante acerca da referida temática.

Acima de tudo, encerramos essa breve apresentação fazendo, saudosamente, menção a Nicolau Sevcenko que afirmava alegoricamente que a transição do século XX para o XXI assemelhava-se a um passeio na montanha-russa no momento do *loop*, isto é, na síncope definitiva, no clímax da aceleração precipitada e assim lançou-nos um alerta:

A aceleração das inovações tecnológicas se dá agora numa escala multiplicativa, uma autêntica reação em cadeia, de modo que em curtos intervalos de tempo o conjunto do aparato tecnológico vigente passa por saltos qualitativos em que a ampliação, a condensação e a miniaturização de seus potenciais reconfiguram completamente o universo de possibilidades e expectativas, tornando-o cada vez mais imprevisível, irresistível e incompreensível. Sendo assim, sentindo-nos incapazes de prever, resistir ou entender o rumo que as coisas tomam, tendemos a adotar a tradicional estratégia de relaxar e gozar. Deixamos para pensar nos prejuízos depois, quando pudermos. Mas o problema é exatamente esse: no ritmo em que as mudanças ocorrem, provavelmente nunca teremos tempo para parar e refletir, nem mesmo para reconhecer o momento em que já for tarde demais.³

Atentos ao alerta de Sevcenko, esperamos que este Dossiê auxilie em uma discussão crítica sobre a técnica. Isto é, que se faça uma análise das inovações tecnológicas e científicas levando-se em consideração seus impactos, efeitos e desdobramentos.

Boa leitura!

¹ VERNE, Julio. *A volta ao mundo em 80 dias*. Tradução de Teotonio Simões. 2000. Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ph000439.pdf>>. Acesso em 15NOV2014. p. 186.

² HABERMAS, Jürgen. *Técnica e ciência como "Ideologia"*. In. Os pensadores. Vol. XLVIII. São Paulo: Abril, 1975. p. 72.

³ SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: No loop da montanha-russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. pp. 16-17.